

---

CID SEIXAS

---

---

O DESATINO

---

E A LUCIDEZ

---

DA CRIAÇÃO

---

EM PESSOA

---

Os sonhadores mais modestos inventam vagas ilhas paradisíacas, os mais ambiciosos constroem outra nação, outro universo, onde se refugiam e habitam. Mas o poeta sempre retorna ao universo social, promovendo a interação das fantasias e fundindo a matéria impossível do sonho com a pedra e a cal da construção cotidiana.

A série intitulada **Conhecer Pessoa** trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em “livros”, cujas dimensões correspondem às grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais.

Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a partição do material em livros, forjando um elo no tempo.

O DESATINO E A LUCIDEZ  
DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Copyright 2017 Cid Seixas  
Tipologia Original Garamond, corpo 12  
Formato 120 x 180 mm  
118 páginas



Disponibilização deste e-book:  
<https://issuu.com/cidseixas/8.desatino>  
<https://issuu.com/ebook.br/docs/8.desatino>  
[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)  
[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

Cid Seixas

O DESATINO E A LUCIEDEZ  
DA CRIAÇÃO EM PESSOA



**e-book.br**  
EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:  
Adriano Eysen (UNEB)  
Cid Seixas (UFBA/UEFS)  
Alana El Fahl (UEFS)  
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)  
Massaud Moisés (USP)

- Livro I:  
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:  
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:  
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:  
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:  
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:  
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:  
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:  
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA
- Livro IX:  
UMA UTOPIA EM PESSOA:  
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

---

---

## SUMÁRIO

|   |  |     |
|---|--|-----|
| 1 | Da histeria e da lírica .....          | 9   |
| 2 | Dos poetas, meninos e malucos .....    | 19  |
| 3 | Da neurose como fonte<br>poética ..... | 29  |
| 4 | Da sedução do argonauta .....          | 53  |
| 5 | Referências e bibliografia .....       | 67  |
| 6 | Obras do autor .....                   | 109 |
| 7 | Série Conhecer Pessoa .....            | 115 |

Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a sorte a não dá.

(...)

Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?

FERNANDO PESSOA



---

---

## DA HISTERIA E DA LÍRICA

Uma assertiva de Fernando Pessoa define a sua poética, onde a neurose e o processo de criação estabelecem um permanente diálogo: “A base do gênio lírico é a histeria.” (Pessoa, 1976, p. 310) Colocando a histeria como fonte do material primeiro da produção lírica, o poeta toma a arte como uma forma de percepção e construção do mundo divergente da forma estabelecida pela tradição da cultura. Não por acaso, nas *Obras em Prosa*, Pessoa (p. 220) diz: “A arte é a notação nítida de uma impressão errada (falsa). (A notação nítida de uma impressão exata chama-se ciência). O processo artístico é relatar essa impressão falsa, de modo que pareça absolutamente natural e

verdadeira.” Tal ponto de vista é sustentado na hipótese segundo a qual a ciência descreve *as coisas como elas são*, enquanto a arte se refere ao modo *como elas são sentidas*.

A distância entre esse argumento e a concepção da arte que Pessoa frequentemente expressa é evidente: sua opção em favor dos clássicos, contra os românticos, se sustenta na rejeição do predomínio do sentimento sobre a razão. Mesmo tentando fazer passar a heteronímia como resultado da condição de “possesso”, como na correspondência aos escritores da geração de *Presença*, romanceando a aparição demiúrgica do Mestre Caeiro, o poeta insiste que é a inteligência juntamente à reflexão que conferem a esse fenômeno o estatuto estético. Fascinado pelas possibilidades dionisíacas da *entourage* dramática centrada na influência do mestre Guardador de Rebanhos – e tão eloquente no texto do engenheiro Álvaro de Campos – Pessoa não se distancia de Apolo, ponto de apoio da sua criação poética: quanto maior a subjetividade da arte, maior tem que ser a sua objetividade, para que haja equilíbrio. João Gaspar Simões percebeu, já em

1931, que na poesia pessoana “a alma fascinada, segue o espírito” ou, como é mais preciso dizer: a emoção é seduzida pela razão.

“Fernando Pessoa pertence, assim, à categoria dos que escrevem sentados. Os seus poemas requerem a colaboração plácida do silêncio, para receberem a *determinação* livre da alma e, sobretudo, da consciência. É à medida que as palavras se acumulam sobre o papel que a poesia vai nascendo. Palavra a palavra, uma alquimia se realiza convertendo, misteriosamente, sucessivos atos voluntários da inteligência, em instantâneos momentos da alma. *L'ame se tait dès que l'esprit la regarde*: esta frase de Claudel, da qual Henri Bremond extrai a parte mais sutil da sua interpretação da gênese poética – é contrariada pela criação de Fernando Pessoa.” (Simões, 1931, p. 175)

Mas a contradição, ou se preferirem, a permanente dialética, é uma constante em Fernando Pessoa: o mesmo poeta que faz incisivas críticas aos românticos, quando com-

parados aos clássicos, afirma textualmente que a faculdade do espírito que trabalha na ciência é a inteligência e a faculdade de que depende a arte é a emoção. (Pessoa, 1976, p. 224)

Defrontamo-nos com um método de reflexão fundamentalmente dialético: ao contrapor uma ideia a outra anteriormente defendida, Pessoa chega a uma nova compreensão do processo, criando uma tensão evolutiva no pensamento. Veja-se que depois de reduzir o romantismo a um grande equívoco, e a uma espécie de infância ou de estágio de desenvolvimento parcial da arte, proclamando a universalidade da arte clássica e dos seus princípios, ele comuta o raciocínio exaltando o romantismo:

“Os realistas realizaram pequenas coisas, os românticos, grandes. Um homem deve ser realista para ser gerente de uma fábrica de tachas. Para gerir o mundo deve ser romântico. É preciso um realista para descobrir a realidade; é preciso um romântico para criá-la.” (Pessoa, 1976, p. 497)

Diante disso, vários focos de luz tornam mais clara a compreensão da assertiva pessoana segundo a qual a ciência descreve as coisas *como são*, e a arte *como são sentidas*, como se sente que são. Se a princípio, *as coisas que são como são* denotam a crença na existência de uma realidade inteiramente objetiva, independente e, portanto, transcendente à condição humana, – quando iluminadas pela dialética pessoana, onde conceitos como realidade e verdade referem-se a um processo derivado da atuação social do homem – elas lembram que o real é constituído pela *dupla existência da verdade*, como indica a perplexa ambiguidade assinalada por Pessoa. (Idem, p. 54)

Examinando o que ele chamava de aspecto anormal da sua personalidade, surge a constatação – aparentemente infantil – maliciosamente esclarecedora da teoria pessoana do conhecimento: “Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente são – como são para os outros.” (Idem, p. 39) As coisas como *verdadeiramente são* dependem de uma conven-

ção estatística implícita. Portanto, como são para os outros, para a maioria.

Convém reproduzir, mais adiante, um conhecido trecho do conto *Loucura*, de Mário de Sá-Carneiro, companheiro de aventura órfica do poeta plural, em cuja obra ele encontrava a realização de propostas em prosa que não conseguia executar; usando o próprio nome ou através dos heterônimos. Sobre a dificuldade de criar satisfatoriamente aquilo que precisava ter existência objetiva na realidade projetada pela prosa de ficção, Fernando Pessoa revela a força com a qual se debate com a incapacidade de realização como contista ou como romancista. A propósito, em *Um pacto com Satanás* Manuel João Gomes (1986b, p. 5) observa:

“O indesmentível entusiasmo de Pessoa por Sá-Carneiro será menos surpreendente se admitirmos que ele vê nos textos do amigo realizações conseguidas de propostas suas. Admira em Sá-Carneiro o que este tem de Poe e de Pessoa. O autor de *A Confissão de Lúcio*, de *Loucura* e de *A Estra-*

*nha Morte do Professor Atena* é um Alexander Search que se realizou como ficcionista.”

Na frase explicativa ele tenta sintetizar a falta: “Por isso nas *Ficções do Interlúdio* predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar.” (Pessoa, 1976, p. 86)

A propósito das reflexões de Pessoa sobre as configurações da realidade, acima discutidas, ouçamos o que diz o narrador engendrado por Sá Carneiro, no conto “Loucura”, sobre o modo de conhecer e formar o real:

“Loucura? – Mas afinal o que vem a ser a loucura?... Um enigma... Por isso mesmo é que às pessoas enigmáticas, incompreensíveis, se dá o nome de *loucos*...

Que a loucura, no fundo, é como tantas outras, uma questão de maioria. A vida é uma convenção: *isto* é vermelho, *aquilo* é branco, unicamente porque se determinou chamar à cor *disto* vermelho e à *daquilo* branco. A maior parte dos homens adotou um sistema determinado de convenções: *É*

*a gente de juízo...* Pelo contrário, um número reduzido de indivíduos vê os objetos com outros olhos, chama-lhes outros nomes, pensa de maneira diferente, encara a vida de modo diverso. Como estão em minoria... são doidos...

Se um dia porém a sorte favorecesse os loucos, se o seu número fosse o superior e o gênio da sua loucura idêntico, eles é que passariam a ser os ajuizados: *Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei*, diz o adágio: na terra dos doidos, quem tem juízo é doido”. (Sá-Carneiro, 1912, p. 32)

Seguindo o ponto de vista comumente aceito, Pessoa distingue a arte da ciência pelo fato da primeira encerrar um modo preciso de formar o real, enquanto a arte se sustentaria numa impressão equívoca. Se aceitarmos essa proposição definiremos o artista como um neurótico que percebe o mundo por uma ótica destorcida pela sua individualidade e que consegue impor tal percepção como a mais justa e capaz de seduzir aos outros homens.



Será isso verdade? Aquele que atrela o seu desejo às asas da fantasia torna o mundo mais satisfatório ao ser humano e, por isso, mais aceitável?

Freud, no ensaio *O mal-estar na civilização* mostra como a sociedade e a cultura representam um atentado contra a felicidade individual e como o homem está pronto a transgredir o espaço da cultura como modo de realização dos seus desejos e fantasias.

Os sonhadores mais modestos inventam vagas ilhas paradisíacas, os mais ambiciosos constroem uma outra nação, um outro universo, onde se refugiam a habitam.

Mas o poeta sempre retorna ao universo social, promovendo a interação das fantasias e fundindo a matéria impossível do sonho com a pedra e a cal da construção cotidiana.

“O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento

É aquilo que antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança e, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo...”  
(Pessoa, 1972, p. 204)

---

---

## DOS POETAS, MENINOS E MALUCOS

Fiel cidadão de Atenas, – da cultura – Platão idealizou uma República e de lá expulsou os poetas. Vamos vingar os degredados da utopia, inventando a república dos poetas, dos meninos e dos malucos, onde o chão não seja o deste mundo, mas a terra que se pisa se confunda com as mãos e o corpo de um poderoso e imenso gênio das lâmpadas maravilhosas, ainda encontráveis no desconhecido oriente. Onde os nossos desejos mais fundos e defendidos da luz possam se materializar, brotando da terra – mãe boa, ou gênio amigo – o objeto cobiçado.

Mas esta república impossível já existe. Exploremos suas veredas, levados pelas mãos de

Freud, quando escreveu o ensaio “Der Dichter und das Phantasieren” (traduzido na *Standard Edition* como “The relation of the poet to day-dreaming” e também citado, entre nós, como “O poeta e os sonhos diurnos”); texto originalmente lido em conferência nos salões do editor vienense Hugo Heller, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Para Freud, as primeiras manifestações da atividade poética, enquanto exercício inventivo ou criação fantasiosa, podem ser procuradas na criança: todo menino ao brincar se conduz como um artista ou um poeta, criando um mundo próprio e situando as coisas do seu mundo em uma nova ordem, que lhe seja mais favorável.

Outro ponto de contato entre o jogo da fantasia infantil e a atividade poética é que o menino leva muito a sério sua brincadeira; daí, a antítese do brincar não ser a gravidade, mas o que os outros entendem por *realidade*.

Apesar da carga de afeto do brincar, toda criança distingue muito bem a realidade concreta – ou da cultura – da realidade da sua brincadeira, apoiando os objetos e circunstâncias

que inventa nas coisas possíveis e tangíveis do mundo objetivo criado por outro demiurgo. O menino mistura a areia da sua fantasia com o cimento da realidade cultural, para que o vento não leve as montanhas inventadas; agindo, portanto, com a malícia ingênua e eficaz que antecipa a *intencionalidade* do poeta, enquanto engenheiro cujo projeto ultrapassa o concreto. Daí a aproximação proposta pelo criador da psicanálise entre a estrutura do jogo infantil e a da criação poética:

“Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto”. (Freud, 1908, p.151)

Comprendemos com Freud que a arte é uma forma de prazer substitutivo, tanto para

o criador quanto para o fruidor do seu jogo, onde o desrespeito às regras não causa danos reclamados pelo contrato social. Mas será que a arte aceita assumir apenas este papel de protagonista substituto, ou procura construir seu próprio espaço? A literatura já foi apontada como o sorriso da sociedade, com o reforço da concepção romântica, surgindo daí a reação realista, posteriormente fundida com a contribuição marxista. Sem ficar no reducionismo de ambas as posições, Roland Barthes retoma Freud, fazendo-se *voyeur* do prazer do texto.

“Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consciência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.” (Barthes, 1973, p. 49)

Em outro momento do mesmo livro, Roland Barthes observa:

“Talvez venha daí um meio de avaliar as obras da modernidade: o seu valor proviria da sua duplicidade. É necessário entender por isto que elas têm sempre duas margens. (Idem, p. 40)

Desde o início do século vinte, com a obra pioneira de Freud, ou, mais precisamente, desde há quatro séculos antes da Era Cristã, especialmente com Platão e Aristóteles, sabe-se que a fantasia é uma satisfação de desejos ou uma retificação da realidade não satisfatória. A noção aristotélica de catarse torna-se o fundamento do método clínico utilizado por Breuer e Freud: a cura pela fala, “método de tratamento, a que inicialmente Breuer chamou de «catártico», mas que prefiro denominar de «psicanalítico»”. (Freud, 1906, p. 91) Nesta passagem de *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen*, Freud demonstra que os processos presentes na narrativa por ele estudada são idênticos aos adotados pela psicanálise. Aliás,

desde *A interpretação de sonhos*, ele liga o seu método às sugestões das obras literárias, especialmente às da obra de Goethe.

Não nos afastemos, porém, das fantasias e devaneios, dos brinquedos do desejo, inesgotáveis fontes, que são, da matéria bruta processada no engenho da arte. Compreender as propriedades deste material nos ajuda a compreender um pouco o conteúdo do discurso da arte e a especificidade da sua expressão, já que ambos os planos, na relação afetiva da criação poética, preparam o nascimento do texto.

Como as pulsões insatisfeitas são as forças propulsoras da fantasia, Freud conjecturou que só o homem inteiramente feliz deixaria de fantasiar. Como há sempre uma fenda, uma ausência, uma falta, ele compara as fantasias do adulto, seus devaneios e sonhos diurnos, com as brincadeiras e jogos infantis, observando que se o transgredir a realidade socialmente compartilhada é motivo de constrangimento para o adulto – tanto que prefere confessar suas culpas que revelar suas fantasias –, a criança não se envergonha do distanciamento ou



do dismantelo dos códigos da realidade adulta. No ensaio “Escritores criativos e devaneio” lemos o seguinte:

“As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança, é verdade, brinca sozinha ou estabelece um sistema psíquico fechado com outras crianças, com vistas a um jogo, mas mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta seu brinquedo. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferem confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias. Pode acontecer, conseqüentemente, que acredite ser a única pessoa a inventar tais fantasias, ignorando que criações desse tipo são bem comuns nas outras pessoas. A diferença entre o comportamento da pessoa que brinca e da fantasia é explicada pelos motivos dessas duas atividades, que, entretanto, são subordinadas uma à outra.” (Freud, 1908, p. 151)

Como o real não é construído pela natureza, mas pelas circunstâncias de cada cultura, nada obriga as criaturas adultas em estado puro, original ou selvagem, a se identificarem com as máscaras e personagens que cada pessoa, chamada Antonio ou Fernando, veste e encena no espaço de convenção: a cultura. Quando o pano de boca se abre e inaugura para os indivíduos o palco iluminado da civilização, as pobres e divididas marionetes gaguejam seu difícil papel. Somente depois, familiarizados com a presença e os aplausos da plateia, ou resignados com suas vaias ou sua indiferença, deixam a máscara grudar na face e esquecem as engrenagens dos escuros bastidores.

Mas se o papel desempenhado não é bem aceito pela plateia, o ator da cultura questiona seu texto e oscila entre uma máscara e outra. Procura-se construir um novo personagem, emissor de uma fala que lhe permita maior ressonância junto aos discursos consentidos. Ou restará ao personagem a alternativa de rasgar os papéis e dar a palavra ao Outro, que falará por si mesmo e pelos demais.

Avesso do personagem do teatro, o personagem da cultura não pode, impunemente, encenar o desejo, guardando as fantasias insatisfeitas em cofres de atos falhos, ou sepultando o desejo acorrentado, sob as pedras do sintoma.

Se o menino que brinca consegue transpor as grades e muros da realidade, o artista reinstaura, na idade adulta, a linguagem esquecida, recuperando a vitalidade e a liberdade capazes de refazer o real, desta vez corrigido, estruturado de uma forma mais adequada e acessível à felicidade clandestina.

O problema crítico das chamadas abordagens psicanalíticas da obra literária é que, em lugar de analisar o texto, procuram um divã de metáforas para deitar o enfermo autor. O desejo de ser analista se manifesta em quase toda crítica de influência freudiana, ao contrário do que fez Freud.



## DA NEUROSE COMO FONTE POÉTICA

A neurose fornece substância ao material poético, eis uma verdade. Mas a neurose em si e esse material não são suficientes para assegurar a existência da obra de arte. Fernando Pessoa percebe isto e descobre como o Romantismo toma apenas uma parte da verdade, negligenciando a mais importante: Não basta a alguém ter a substância do material poético fornecida pela sua neurose; é preciso dar a este material uma forma comum à estrutura da realidade de todos os indivíduos – social e comunicável. Não é, portanto, a experiência vivida, em si, que faz o poeta, mas o que ele faz dessa experiência.

O Romantismo, afirma Pessoa, admite princípios que possibilitam a qualquer demissionário da vida social conferir a si mesmo a categoria de artista:

“Tomar a ânsia de uma felicidade inatingível, a angústia dos sonhos irrealizados, a inapetência ante a ação e a vida, como critério definidor do gênio ou do talento, imediatamente facilita a todo indivíduo que sente aquela ânsia, sofre daquela angústia, e é presa daquela inapetência, o convencimento de que é uma individualidade interessante, que o Destino, fadando-a para aqueles sofrimentos, e aquelas impossibilidades, implicitamente fadou para a grandeza intelectual.” (Pessoa, 1976, p. 292)

Lembra o poeta que, de acordo com a teoria clássica, é a capacidade de construção e ordenação, ou a disciplina interior, que assegura a produção estética, onde a razão é capaz de ordenar e compreender as explosões desordenadas da emoção vulcânica. A poética romântica permitiria, segundo Pessoa, a acei-

tação do equívoco segundo o qual alguém pode se presumir artista porque as características atribuídas ao poeta são um sentimento vazio nos desejos, um sofrimento sem causa tangível, “e uma falta de vontade para trabalhar – características que mais ou menos todos possuem, e que nos degenerados e nos doentes do espírito assumem um relevo especial.” E acrescenta ainda Pessoa:

“Não é no estímulo que dá ao individualismo que o perigo romântico consiste; consiste, sim, no estímulo que dá a um falso individualismo. O individualismo não é necessariamente falso; quando muito é uma teoria moral e política. Mas há uma certa forma do individualismo – como há uma certa forma do classicismo – que é com certeza falsa. É a que permite que o primeiro histórico ou o mais reles dos neurastênicos se arrogue o direito de ser poeta pelas razões que, de per si, só lhe dão o direito de se considerar histórico ou neurastênico.”  
(Idem, *ibidem*)

Observe-se que Fernando Pessoa explicava a gênese da sua criação poética heteronímica a partir do fato de ser ele histérico e neurastênico, como seriam histéricos também Shakespeare e Goethe. O histérico tende à despersonalização, à identificação com personalidades outras, o que possibilitaria a criação dramática dos personagens shakespearianos ou goetheanos e a criação, igualmente dramática, realizada através de discursos líricos, das obras poéticas dos heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Estes *outros eus* são, ao lado de Fernando Pessoa, ele-mesmo, personagens de um grande drama que tem por epígrafe a máxima: “Fingir é conhecer-se”, onde a máscara é a face verdadeira.

O trabalho de construção poética seria sempre precedido por um trabalho de autointerpretação, de análise dos conteúdos formados a partir dos deslocamentos impostos pela individualidade. Desse modo, a emoção puramente pessoal do artista seria submetida à ordenação impessoal e intelectual para se transformar em experiência comunicável. Os sentimentos particulares não formam por si mes-



mos matéria poética, mas podem vir a formar, caso, sem perder a natureza particular, consigam adquirir expressão universal. A experiência individual de um homem diz respeito apenas a ele e a outros que, como ele, tenham vivido uma situação semelhante; mas a experiência transformada em material poético, sem perder a sua forma individual, encontra ressonância nas experiências de todas as criaturas. Isso porque a experiência poética, ao tempo em que interpreta a sua própria formação, reflete a experiência de quem sobre ela se debruça.

O mesmo Pessoa que anuncia a arte enquanto notação de uma impressão em desacordo com a norma social, propõe ir além do mito individual do neurótico, em busca de um compromisso maior:

“O artista não exprime as suas emoções. O seu mister não é esse. Exprime, das suas emoções, aquelas que são comuns aos outros homens. Falando paradoxalmente, exprime apenas aquelas suas emoções que são dos outros. Com as emoções que lhe são

próprias a humanidade não tem nada. Se um erro da minha visão me faz ver azul a cor das folhas, que interesse há em comunicar isso aos outros? Para que eles vejam azul a cor das folhas? Não é possível, porque é falso.” (Pessoa, 1976, p. 225)

E acrescenta a estas colocações que o princípio central da arte é a generalização, a comunhão entre o olhar do artista e o alcance da vista dos homens.

Se a gênese do gênio lírico é a histeria, esse embrião só se desenvolve quando depositado na terra comum. As potencialidades só se transformam em ato quando o grito da fera acuada é substituído pela ação eficaz. Em outras palavras: quando o mito individual do neurótico, já referido por Lévi-Strauss (1958, p. 222) e Lacan (1953, p. 47), encontra no seu ritual pontos de identificação com o mito coletivo, ganhando assim a eficácia simbólica necessária ao seu poder de transformação da realidade.

Compartilhando, de um lado, as descobertas de Freud a respeito da natureza estrutural

dos fatos psíquicos, que seguem processos similares em sujeitos diversos, e, do outro lado, *avant la lettre* as preocupações paradigmáticas da antropologia estrutural, Pessoa não se deixa dominar pelo sentimento de originalidade do gênio solitário:

“Tudo que se passa numa mente humana de algum modo análogo já se passou em toda outra mente humana. O que compete, pois, ao artista que quer exprimir determinado sentimento, por exemplo, é extrair desse sentimento aquilo que ele tenha de comum com os sentimentos análogos dos outros homens, e não o que tenha de pessoal, de particular”. (Pessoa, 1976, p. 248)

O artista pessoano não é o desvairado cantor selvagem, mas aquele que tem fôlego suficiente para mergulhar pelas regiões primitivas da alma, tendo assegurado a integridade do caminho de volta. A descida aos infernos não significa para o artista um pacto com satanás, mas a descoberta de fontes de energia retiradas da tensão entre forças inconciliáveis.

Se o artista, para Fernando Pessoa, encontra no material produzido pela neurose a fonte profunda da sua criação, é porque ele consegue estruturar o processo criador através dos mecanismos de superação da fonte original. O caminho em busca do outro, enquanto força coletiva, cultural, portanto, consiste no acesso às articulações do real pertencentes ao tesouro comum a todos os indivíduos. A inserção do discurso da arte no sistema conceitual do discurso da cultura representa a superação das dificuldades semióticas do indivíduo, o que equivale a dizer: a superação dos mecanismos estruturais do discurso neurótico por outros mecanismos de livre trânsito entre os mais comuns dos mortais.

“Acima de tudo, a arte é um fenômeno social. Ora no homem há duas qualidades diretamente sociais, isto é, dizendo diretamente respeito à sua vida social: o espírito gregário, que o faz sentir-se igual aos outros homens ou parecido com eles, e portanto, aproximar-se deles; e o espírito individual ou separativo, que o faz afastar-se

deles, colocar-se em oposição a eles, ser seu concorrente, seu inimigo, ou seu meio inimigo. Qualquer indivíduo é ao mesmo tempo indivíduo e humano: difere de todos os outros e parece-se com todos os outros.

Uma vida social sã no indivíduo resulta do equilíbrio destes dois sentimentos: uma fraternidade agressiva define o homem social e são.” (Pessoa, 1976, p. 242)

Ainda nos mesmos “Apontamentos para uma estética não aristotélica”, Pessoa caracteriza o *isolamento* e o *domínio* como resultantes do espírito antigregário que se manifesta no seio da arte. Como porém a arte é um fenômeno social, mesmo o espírito separativo, ou antigregário, se manifesta de forma social, isto é, sob a forma de domínio: “A arte, portanto, é antes de tudo, *um esforço para dominar os outros*” (Idem, p. 243)

Pergunto, então: se aceito o ponto de vista pessoano, não será necessário questionar a clássica doutrina da *sublimação das fantasias* como vértice polar à atuação na cultura? Freud apresenta tanto a brincadeira quanto a fantasia, e,

consequentemente, a imaginação poética, como formas sublimatórias da ação no mundo social. O adulto não pode substituir a realidade pela encenação do desejo: “dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real”. (Freud, 1908, p. 151) A arte, em geral, e a literatura, em particular, serão mesmo formas de fuga da ação, mecanismos de compensação sublimatórios? Em outras palavras, o trabalho do artista é enganar o desejo e manter intocadas as formas estabelecidas da realidade, como sugere a concepção sublimatória do fenômeno artístico?

Se assim pensarmos, teremos que admitir a literatura como o *sorriso da sociedade*, uma simples forma de divertimento, e não de conhecimento. Se esta visão autorizada por Freud fosse verdadeira, então Pessoa não seria poeta, nem o que ele faz seria arte. A arte continuaria sendo uma forma consolatória de deleite e o projeto pessoano uma inútil viagem pelo espaço de transgressão.

Segundo a teoria do fundador da psicanálise, a arte promove a conciliação entre o *prin-*

*cípio de prazer*, através do qual o sujeito tem como fim único a satisfação dos seus desejos, e o *princípio de realidade*, destinado a submeter os projetos individuais às exigências do mundo objetivo. A neurose tem como propósito e como resultado arrancar o sujeito da vida real, assim como o artista é visto como alguém que se afasta da realidade, por não querer ou não poder renunciar à satisfação *pulsional* que ela exige.

“Todavia, encontra o caminho de volta deste mundo de fantasia para a realidade, fazendo uso de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, que são valorizadas pelos homens como reflexos preciosos da realidade.” (Freud, 19011-13, p. 284)

Assim, em vários momentos da sua obra, Freud fica ambivalentemente dividido entre reconhecer o *real da ficção*, conforme a expressão título de Wendel Santos (1978b), ou proclamar a natureza enganosa da realidade poética. A conceituação tradicional da realidade pare-

ce exigir do analista vienense que repita o gesto fundador da República de Platão, expulsando o poeta dos domínios de uma realidade exemplar. Do mesmo modo que o filósofo imputava ao artista a condição de imitador de segunda ordem, o psicanalista descrevia as *verdades* articuladas pelo poeta como *reflexos preciosos* da realidade, e não como *novas configurações* do real. Estamos, portanto, diante da velha teoria do reflexo que tantos danos tem causado à compreensão da natureza da arte.

Quanto ao papel de imitador de uma imitação, não é demais relembrar uma das passagens da *República* em que Platão censura o papel social da poesia:

“– Permitiremos então, levemente, que as crianças escutem quaisquer fábulas, forjadas pelo primeiro que aparece, e dêem guarida em seu espírito a idéias geralmente opostas àquelas que, em nossa opinião, devem alimentar quando forem grandes?

– De modo algum.

– Será pois preciso, antes de tudo, estabelecer uma censura das obras de ficção [...].



– Quais são elas? – perguntou.

– Pelos mitos maiores aquilataremos os menores – disse eu – pois são necessariamente do mesmo tipo, e tanto uns como os outros estão animados do mesmo espírito.

– É bem possível – adiantou Adimanto – mas não compreendo ainda quais são esses maiores de que falas.

– Aqueles que nos contavam Homero e Hesíodo, e com eles os demais poetas. São esses os forjadores dos falsos mitos que se têm contado e contam por aí.” (Platão, 1964, p. 55)

Mantendo de pé o muro que demarca a nítida fronteira entre os dois mundos, Freud descreve a errante caminhada de Orfeu pela *floresta do alheamento*, de cuja clareira a voz do poeta maior de *Orpheu* ecoa: “Sei que despertei e que ainda durmo. O meu corpo antigo, moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda...” (Pessoa, 1972, p. 435) Cedo para que caiba no espaço de convenção a elástica realidade conquistada pela transformação do de-

sejo em força produtiva. Mesmo assim, o óvulo da transformação se instaura através da consciência dos homens, conquistando regiões desconhecidas.

Para muitos, se a transformação operada pelo poeta não for sensível e imediata, como aquela de uma revolução decapitada por guilhotinas, nada mudaria pela sua pena. O poeta continuaria estéril e a cultura ostentaria sua virgindade incólume, só restando aos mutantes lamentar a impotência de transformar a cidade dos homens.

Embora reconheça a força da palavra, ou das representações verbais, como suficiente para equiparar a realidade do pensamento com a realidade externa, Freud rejeita o dom do verbo de se fazer carne, pedra ou lei, e de habitar a morada dos animais simbólicos. Segundo este ponto de vista, o poeta, apenas, finge; nega. Fingir não seria conhecer. Negar não seria afirmar. “Assim, de certa maneira, ele na verdade se torna o herói, o rei, o criador ou o favorito que desejava ser, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo externo.” E prossegue Freud nas suas

“Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”:

“Mas ele só pode conseguir isso porque outros homens sentem a mesma insatisfação que ele com a renúncia exigida pela realidade, e porque essa insatisfação, que resulta da substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, é em si uma parte da realidade.” (Freud, 1911-13, p. 284)

No entanto, contrariando o que Freud explica, ao reescrever sua história, um homem rescreveu a história da cultura de língua lusa:

“É hoje que sinto  
Aquilo que fui.  
Minha vida flui,  
Feita do que minto.  
(Pessoa, 1972, p. 175)

É evidente que o século vinte e a contribuição trazida pelos poetas da modernidade alteraram substancialmente as perspectivas. Pessoa, síntese e sintoma do século que preparou, é

um sólido argumento em favor de uma outra concepção da arte.

Numa carta a Luís de Montalvor, o poeta anuncia o condão:

“Como nos tinham tirado as coisas onde púnhamos os nossos sonhos, pusemo-nos a falar delas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua plena e esplêndida realidade.” (Pessoa, 1976, 272)

Sabendo que o real é uma construção da linguagem, o poeta não desdenha do seu instrumento como forma de atuação. Atento ao poder da sua arma, no *Livro do desassossego*, Bernardo Soares dispara:

“Mas assim é toda a vida; assim, pelo menos, é aquele sistema de vida particular a que no geral se chama civilização. A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objeto torna-se realmente ou-

tro, porque o tornamos outro. Manufaturamos realidades. A matéria prima continua sendo a mesma, mas a forma que a arte lhe deu, afasta-a efetivamente de continuar sendo a mesma.” (Pessoa, 1972, p. 39)

O sonho e a linguagem são erigidos à categoria de matéria do real, não a partir de uma idealização romântica, mas como melancólica constatação dos precários materiais que sustentam o edifício do homem.

Não esqueçamos que Freud costumava buscar além dos limites da ciência, na arte, na transgressão do poeta, o material da sua descoberta: “Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em *fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.*” (O grifo é nosso. Freud, 1906, p. 18)

Se, por um lado, Freud reduz a arte a mera forma consolatória dos desejos irrealizados, ou a um mecanismo de sublimação destinado a substituir a intervenção do sujeito na realidade social, por outro lado, ele destaca as possibilidades do discurso da arte determinar a direção dos processos psíquicos responsáveis

pela construção do real. Tal contradição verificada em textos de diversos momentos de redefinição da teoria freudiana e, estranhamente, ao longo de um mesmo texto, pode deixar de ser compreendida como contradição, se estivermos diante de dois objetos distintos, isto é, se Freud estiver falando, num momento, do objeto da psicanálise e, no outro, do objeto da arte.

Ao longo das leituras que deram origem a este conjunto de textos sobre a criação de Fernando Pessoa foi esboçada a seguinte tese: quando tentamos compreender o universo do autor, ou do artista, nosso objeto é o sujeito; e estamos, portanto, no campo da psicologia ou mesmo da psicanálise. Quando analisamos a obra e o texto em si, ou o circuito constituído pelo texto e por tudo o mais que venha a gravitar em torno dele – mesmo que aí se incluam o emissor e o receptor do discurso poético, a cultura, portanto – o objeto é a arte.

É verdade que mesmo Fernando Pessoa, arquiteto radical da despersonalização da lírica, encontrou na arte um meio de responder às imposições do sujeito. “A literatura é a ma-

neira mais agradável de ignorar a vida” – conforme a proposição alienante de Bernardo Soares. (Pessoa, 1982, p. 251) Mais adiante Soares continua expressando a sua ideia de uma arte como substituição de algo:

“A arte livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos. Enquanto sentimos os males e as injúrias de Hamlet, príncipe da Dinamarca, não sentimos os nossos – vis porque são nossos e vis porque são vis.

O amor, o sono, as drogas e intoxicantes, são formas elementares da arte, ou, antes, de produzir o mesmo efeito que ela. Mas amor, sono, e drogas têm cada um a sua desilusão. O amor farta ou desilude. Do sono desperta-se, e, quando se dormiu, não se viveu. As drogas pagam-se com a ruína de aquele mesmo físico que serviram de estimular. Mas na arte não há desilusão porque a ilusão foi admitida desde o princípio. [...]

Possuir é perder. Sentir sem possuir é guardar, porque é extrair de uma coisa a sua essência.” (Idem, p. 262)

O leitor pode fugir das suas circunstâncias e da sua realidade social através de uma escolha de texto destinada a substituir as indagações do real. Do mesmo modo, o autor pode trocar suas necessidades por apaziguantes reflexos do real. Soares encontra na deserotização da vida o sentido erótico da sua fala:

“As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais”. (Idem, p. 15)

Mas um mergulho alienante pode se converter aos olhos do expectador numa descida às profundas regiões do desconhecido oceano. Aquilo que foi buscado pelo autor como canção de ninar a si mesmo, pode manter os outros de olhos abertos.

O problema crítico das chamadas abordagens psicanalíticas da obra literária é que, em



lugar de analisar o texto, procuram um divã de metáforas para deitar o enfermo autor. O desejo de ser analista se manifesta em quase toda crítica de influência freudiana, ao contrário do que fez Freud quando, por sugestão de Jung, tomou um texto ficcional como um dos seus primeiros objetos de análise arqueológica do discurso escrito. Em “Delírios e sonhos na Gradiva, de Jensen”, o criador da psicanálise não esquece da natureza do objeto analisado.

O dito ou o não dito dos personagens é que preocupa Freud, e nunca as intenções e resultados obtidos por Jensen. Ainda bem, porque se sua análise tomasse o velho autor como objeto, poderia provocar estranhas reações a quem hoje acredita que as obras ficcionais assinadas com o nome de Wilhelm Jensen foram escritas pela filha do suposto romancista e dramaturgo alemão (1837-1911). Este fato singular levaria o analista autoral a ver com olhos outros o nome do pai no conjunto da obra jenseniana.

“Não meu, não meu é quanto escrevo.

A quem o devo?”  
(Pessoa, 1972, p. 164)

A pergunta pessoana ecoa, e as respostas que ele mesmo deu foram incorporadas ao discurso comum. O poeta é um fingidor, não sou eu quem descrevo, eu sou a tela, dizem que finjo ou minto tudo que escrevo.

A discussão sobre o papel da arte como sublimação ou como forma de atuar sobre a realidade deve levar em conta que, para o sujeito escrevente, a construção de um outro real mais satisfatório pode substituir a ação sobre a realidade circundante, enquanto para o fruidor da obra e para a cultura, o trabalho do texto pode representar uma intervenção sobre o espaço de convenção chamado vida social. A contravenção do real operada pela arte, atua sobre as formas estabelecidas, abrindo veredas e trilhas, passagens, onde havia interdição.

Se a arte é um fato social, um ato cultural, e não um simples sintoma do sujeito, o autor é um mero instrumento executor da transgressão imposta pelo rigor da convenção. Não sou

eu quem descrevo, eu sou a tela: anuncia o artista do século da despersonalização. Ou ainda, voltando ao verso:

“Não meu, não meu é quanto escrevo.

A quem devo?

De quem sou o arauto nado?

Por que, enganado,

Julguei ser meu o que era meu?

Que outro mo deu?

Mas, seja como for, se a sorte

For eu ser morte

De uma outra vida que em mim vive,

Eu, o que estive

Em ilusão toda esta vida

Aparecida,

Sou grato Ao que do pó que sou

Me levantou.

(E me fez nuvem um momento

De pensamento.)

(Ao de quem sou, erguido pó,

Símbolo só.)

(Pessoa, 1972, p. 164)

A princípio, o neurótico habita em sobressaltos a fantasia e o sonho dos desejos impossíveis, sem encontrar a porta para o mundo onde os devaneios se realizem, enquanto o poeta consegue instaurar, pela densidade do discurso ficcional (aparentemente inofensivo), o espaço da sua transgressão no mundo das relações objetivas. Graças à força da palavra, o poeta atua sobre o mundo da cultura, tornando mais aceitáveis os desejos e as fantasias que o sujeito expulsa da consciência para o obscuro fosso dos sonhos proibidos.



## DA SEDUÇÃO DO ARGONAUTA

Cabe ao artista, se ele pretende tornar a sua arte social, compartilhável com os outros indivíduos, projetar a harmonia das formas sobre o caos que ele mesmo instaura ao destruir as ruínas do mundo estabelecido. A genialidade do artista não reside na sua capacidade de desintegrar a ordem para dar vazão ao sentimento mais fundo e à realização mais densa, mas no equilíbrio conseguido ao tomar esta desordem provocada como ponto de partida para a construção do mundo novo. O processo de criação que se perde nos escombros da explosão sem conseguir juntar este material com a argamassa da sua luz criadora se debilita na impotência contemplativa.

O poeta é sempre aquele que ressurge do próprio naufrágio. (Seixas, 1992c)

Por isso, Pessoa nos diz:

“Quanto maior a subjetividade da Arte, maior tem que ser a sua objetividade, para que haja equilíbrio, sem o qual não há vida, nem, portanto, vida ou duração da mesma arte.” (Pessoa, 1976, p. 291)

Neurose e criação poética percorrem as mesmas veredas, posto que a fantasia do sujeito e a inscrição da experiência cotidiana no mundo onírico presidem tanto as estruturas mentais do neurótico quanto as do poeta. A princípio, o neurótico habita em sobressaltos a fantasia e o sonho dos desejos impossíveis, sem encontrar a porta para o mundo onde os devaneios se realizem, enquanto o poeta consegue instaurar pela densidade do discurso ficcional (aparentemente inofensivo) o espaço da sua transgressão no próprio mundo das relações objetivas. Graças à força da palavra, o poeta atua sobre o mundo da cultura, tornando mais aceitáveis os desejos e fantasias que

o homem expulsa da consciência para o obscuro fosso dos sonhos proibidos.

Mas é graças à capacidade de negociação das fantasias que o poeta transforma o seu devaneio em ação objetiva. Ao identificar os seus desejos com os desejos da cultura – que são redimensionados nesta identificação –, o poeta compromete afetivamente todos os outros homens, fazendo com que o seu grito contenha um pouco do grito sufocado de cada um, e tentando transformar o coro dessas vozes abafadas em ressonância da sua palavra de absinto.

Por isso, o poeta não rompe com a cultura (ao contrário do neurótico que se vê perseguido por essa ruptura espiral), ele procura esticar os fios da rede onde se tece a civilização até provocar a tensão da sua fragilidade, evidenciando a falência da felicidade no comércio do estabelecido. Somente então ele insere o seu convite ao desatino e à *vertigem lúcida*, num canto apaziguante e de inquietude sedutora.

O poeta não escandaliza. O poeta alicia. O escândalo provocado pelo poeta não é o convi-

te à transgressão, mas o desmascaramento das convenções cotidianas. O poeta não submerge ao naufrágio, emerge. É a civilização que escandaliza. O poeta seduz.

Sedutor, Pessoa encena o seu papel:

“Dá a surpresa de ser.  
É alta, de um louro escuro.  
Faz bem só pensar em ver  
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem  
(Se ela tivesse deitada)  
Dois montinhos que amanhecem  
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco  
Assenta em palmo espalhado  
Sobre a saliência do flanco  
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.  
Tem qualquer coisa de gomo.  
Meus Deus, quando é que eu embarco?  
Ó fome, quando é que eu como?”

(Pessoa, 1972, p. 152)



Não esqueçamos que este é um poema ímpar na obra pessoana. O proibido tema da sexualidade aflora expressando o desejo ocultado. Muito embora eu evite qualquer tentativa de psicanálise selvagem no âmbito deste ensaio, onde a contribuição da ciência fundada por Freud é trazida quando pertinente à discussão da teoria literária e não da vida privada do autor, convém registrar o pensamento do próprio Pessoa a respeito de tais intromissões da crítica no universo extraliterário do criador. O parêntese ajuda, inclusive, a demonstrar o quanto este ensaio procura seguir de perto um projeto pessoano: a escolha do material que constitui a teoria do texto aqui apresentada segue os critérios do autor estudado. Em outras palavras, as linhas que demarcam o meu percurso crítico e teórico são rigorosamente tomadas do autor analisado. Mesmo quando este ensaio procura dialogar com obras que tratam do fundamento da linguagem, nos termos da linguística, da semiótica e da filosofia, a presença de Pessoa conduz as tentativas de romper com as teorias estudadas. É o que justifica, por exemplo, a longa discussão a res-

peito do signo poético, que ocupa três ensaios ou três pequenos livros desta série. Por outro lado, o meu interesse por obras de autores como Freud e Lacan, é devido à identidade das intuições de Pessoa com aquilo que esses estudiosos tornam acessível à ciência.

Quando, em 1931, um dos primeiros críticos capazes de perceber o alcance da obra pessoana, João Gaspar Simões, publicou *O mistério da poesia. Ensaio de interpretação da gênese poética*, um dos estudos era dedicado à aplicação dos conceitos de Freud – e da nova ciência por ele fundada – à vida e à obra do estranho e insincero poeta de muitas máscaras.

No texto “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”, o futuro biógrafo do poeta, ajudado pelo instrumento que começava a entrar na moda da crítica, conseguiu tocar no centro nervoso de algumas questões fundamentais do “caso Pessoa”. Como, em tais circunstâncias, é de se esperar, a reação foi imediata: numa longa carta, de 11 de dezembro de 1931, incluída nas *Obras em prosa* com o título de “Crítica à crítica psicanalítica de João Gaspar

Simões”, Pessoa seguia tortuosos caminhos até expor seu desagrado. A discussão de questões sexuais, dizia ele,

“conduz a um rebaixamento automático, sobretudo perante o público, do autor criticado, de sorte que a explicação, sinceramente buscada e inocentemente exposta, redundava numa agressão. Porque o público é estúpido? Sem dúvida, mas o que faz o público, que é o ser coletivo, por isso mesmo o priva da inteligência, que é só individual. A Robert Browning, não só grande poeta, mas poeta intelectual e sutil, referiram uma vez o que havia de indiscutível quanto à pederastia de Shakespeare, tão clara e constantemente afirmada nos *Sonetos*. Sabe o que Browning respondeu? «Então ele é menos Shakespeare!» (*If so the lesse Shakespeare he is*). Assim é o público, meu querido Gaspar Simões, ainda quando o público se chame Browning, que nem sequer era coletivo.” (Pessoa, 1976, p. 64)

Pessoa, sem renunciar à atenção com que distinguia os escritores da geração de Presen-

ça, desloca sua indignação para o método psicanalítico, devolvendo ao seu fundador o diagnóstico:

“o Freud é em verdade um homem de gênio, criador de um critério psicológico original e atraente, e com o poder emissor derivado de esse critério se ter tornado nele uma franca paranoia de tipo interpretativo. (...) Ora, a meu ver, o Freudismo é um sistema imperfeito, estreito e utilíssimo.” (Op. Cit., p. 63)

A imperfeição e a estreiteza, de acordo com Pessoa, residiriam no fato de Freud procurar a chave da compreensão da alma humana na sexualidade.

Muito embora não negasse nada do que Gaspar Simões afirmou, com base na nova ciência freudiana, Pessoa, sem contestar a interpretação empreendida, contesta o critério interpretativo. A utilidade da descoberta freudiana é ressaltada pela atenção no inconsciente e nas forças irracionais do homem, na sexualidade e no

“que poderei chamar, em linguagem minha, a translação, ou seja a conversão de certos elementos psíquicos (não só sexuais) em outros, por estorvo ou desvio dos originais, e a possibilidade de se determinar a existência de certas qualidades ou defeitos por meio de efeitos aparentemente irrelacionados com elas ou eles.” (Idem, *ibidem*)

E para concluir as suas objeções à psicocrítica inaugurada – *avant la lettre* – em Portugal por João Gaspar Simões, Pessoa observa:

“O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho, continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo. Do ponto de vista humano – em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque – sou um histeroneurastênico com a predominância do elemento histérico na emoção e do elemento neurastênico na inteligência e na

vontade: minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o crítico fixe, porém, que sou essencialmente poeta dramático tem a chave da minha personalidade, no que pode interessá-lo a ele, ou a qualquer pessoa que não seja um psiquiatra, que, por hipótese, o crítico não tem que ser. Munido desta chave, ele pode abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que como poeta, sinto; que, como poeta dramático, sinto despegando-me de mim; que, como dramático (sem poeta), transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir.” (Pessoa, 1976, p. 66)

Da mesma forma que propunha a distinção entre a personalidade poética e a personalidade do poeta, o dramaturgo lírico e o “neurastênico histórico”, que sendo dois é um só, rejeitava a identificação romântica do ar-

tista com o incompreendido gênio solitário a cultivar as flores da paranoia, ou de outro país possível.

Como então traçar os limites entre a neurose e a poesia, se a poesia nasce – como nos ensina Pessoa – quase sempre nas fontes dos núcleos neuróticos?

Ela seria, talvez, a solução do conflito neurótico: a decifração do enigma de viver. Ou a proposição de novos enigmas e de novos conflitos a serem decifrados em comum com os outros indivíduos.

A poesia nasce, como toda forma de arte, do choque entre a individualidade do artista e o bem estar coletivo. É, portanto, um modo de investir no mar da subjetividade, embora só tenha existência como arte quando transforma este espaço subjetivo em extensão do espaço objetivo ou cultural. Pessoa já disse: “A obra de Arte, fundamentalmente, consiste numa interpretação objetivada duma impressão subjetiva.” (Pessoa, 1976, p. 219)

Se o indivíduo não afasta de si os sentimentos a serem transmudados em poesia, através do distanciamento, ele se perde em confissões

sentimentais que não refletem o sentimento do mundo – conforme a expressão de Drummond.

Segundo Pessoa (1976, p. 95) – para quem a origem dos heterônimos “é o fundo traço de histeria que existe em mim” –, se não fosse a atribuição de um caráter mental aos seus fenômenos psíquicos “cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem, e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia.” (Idem, *ibidem*)

As perspectivas ditadas pela individualidade da neurose podem se converter em formas artísticas, desde que sejam transformadas em forças produtivas capazes de atuar sobre as formas sociais. Fernando Pessoa sabia que o seu caráter histérico lhe apresentava dois caminhos paralelos e opostos: o caminho do cultivo da neurose e o caminho da interpretação através da palavra. Assim, a tendência à despersonalização foi produtivamente transformada em várias vozes da literatura: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis,



Bernardo Soares, António Mora, Coelho Pacheco, Barão de Teive e tantas mais, pessoas do poeta, que usaram a máscara do fingimento criativo para resgatar as verdades ocultadas e libertar da angústia o silêncio de todos nós.

Por tudo isso ele anunciou a quem tivesse ouvidos para ouvir:

“Do fundo da inconsciência  
Da alma sobriamente louca  
Tirei poesia e ciência,  
E não pouca  
Maravilha do inconsciente!  
Em sonho, sonhos criei.  
E o mundo atônito sente  
Como é belo o que lhe dei.”  
(Pessoa, 1972, p. 466)

**Avesso do personagem do teatro, o personagem da cultura não pode, impunemente, encenar o desejo, guardando as fantasias insatisfeitas em cofres de atos falhos, ou sepultando o desejo acorrentado, sob as pedras do sintoma.**

**Se o menino que brinca consegue transpor as grades e muros da realidade, o artista reinstaura, na idade adulta, a linguagem esquecida, recuperando a vitalidade e a liberdade capazes de refazer o real, desta vez corrigido, estruturado de uma forma mais adequada e acessível à felicidade clandestina.**

---

---

## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

Incluem-se neste item as referências às obras citadas e a bibliografia consultada nos nove livros da série.

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, vol. XXII, n° 1110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324.

ANDRADE, Carlos Drummond de

1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.

- ANDRADE, Mário de  
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)  
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985].
- ARISTÓTELES  
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966.  
1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969.
- AUERBACH, Erich  
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.  
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston  
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, 1970.
- BACON, Francis  
1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979.
- BAKHTIN, Mikhail  
1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970.  
1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. france-

- sa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BARTHES, Roland
- 1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.
- 1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- 1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972.
- 1953 *Novos ensaios críticos – seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1973.
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972.
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Glória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976.
- BLANCO, José

- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983.
- BLIKSTEIN, Izidoro  
1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOSI, Alfredo  
1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.
- BOURGOIS, Christian  
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo  
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund  
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974.
- BRITO, Mª de Fátima Ribeiro Souza  
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88.
- BULFINCH, Thomas  
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da  
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pes-

- soa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso  
 1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J, Ozon, 1974.
- CAMPOS, Augusto de  
 1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de  
 1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de  
 1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- CÂNDIDO, Antônio  
 1976 *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976.
- CASSIRER, Ernst  
 1969 Le langage et la construction du monde des objets, in:

- CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68.
- 1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.
- 1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y. K.  
1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985.
- CHAUÍ, Marilena  
1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1984.
- CHKLOVSKY, Vítor  
1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, Mª Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.
- CHOMSKY, Noam  
1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1973.  
1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco



- M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972.
- 1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975.
- COELHO, António Pina  
1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado  
1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].
- 1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8ª ed. Lisboa, Verbo, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes  
1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.
- 1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3ª ed. São Paulo, Quiron, 1980.
- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII.
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoais na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste  
1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de  
 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In Condillac et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134.
- CORBISIER, Roland  
 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- CORTÁZAR, Julio  
 1074 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- COSERIU, Eugenio  
 1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).
- 1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la Republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos para as citações a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).
- 1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958.
- COUTINHO, Carlos Nelson  
 1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- CROCE, Benedetto  
 1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro

Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967.

CURTIUS, Ernest Robert

1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teodoro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

CURY, Jorge

1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.

DAL FARRA, Maria Lúcia

1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.

DEGÉRANDO, Marie-Joseph

1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l'art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELTETIUS E DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430.

DEMÓCRITO (de Abdera)

1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360.

DIAS, Mª Heloisa Martins

1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan

1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*

- [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos  
1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira  
1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto  
1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s.d.
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974.
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.
- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea];

- trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983.
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M<sup>a</sup> Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M<sup>a</sup> Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, p. 55-58.
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa, Portugalíia, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FREUD, Sigmund
- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer

- Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M<sup>a</sup> Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.
- 1908 *Escritores criativos e devaneio* [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M<sup>a</sup> Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 *A significação das sequências de vogais* [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
- 1911-1913 *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* [Formulierung über die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII.

- Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O temas dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s.d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.
- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o ‘bloco mágico’ [Notiz uber den ‘Wunderblock’ / A note upon the ‘Mystic writingpad’]; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An

- autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.
- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psycho analyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João



- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, n° 199, Lisboa, 28 abr. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, n° 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.
- GOTLIB, Nádia Battella (Org.)
- 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 1988.
- GRAMSCI, Antonio
- 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien
- 1975 *Sobre o sentido. Ensaios semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GREIMAS et alii
- 1975 *Ensaios de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- GUERREIRO, Mário
- 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
- 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth  
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HAYES, Curtis W.  
1972 Linguística e literatura: prosa e poesia. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin  
1979 *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO de Éfeso  
1978 Fragmentos; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136.
- HILL, Archibald A. (Org.)  
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M<sup>a</sup> Azevedo e M<sup>a</sup> Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- HJELMSLEV, Louis  
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M<sup>a</sup> Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971.  
1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minuit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- 1976 *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976.
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976.

HOBBS, Thomas

1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983.

1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.

JACQUART, Emmanuel

1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugéne Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, n° 21, 02 fev. 75, p. 7.

JAKOBSON, Roman

1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.

1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.

1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970.

1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.

1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974.

1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência

- proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minuit, 1976.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska  
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.
- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana  
 1970 Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri  
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-98.
- JAUSS, Hans Robert et alii  
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*; seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- JUNG, Carl Gustav  
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar, 1974.  
 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979.  
 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schift en uber Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

- KAYSER, Wolfgang  
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução à ciência da literatura. Trad. Paulo Quintela. 2 volumes. 5ª ed. Coimbra, Armênio Amado, 1970.
- KRISTEVA, Júlia  
 1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. M<sup>a</sup> Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974.  
 1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974.  
 1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.
- KUJAWSKI, Gilberto de M.  
 1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979.
- LACAN, Jacques  
 1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.  
 1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978.  
 1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.  
 1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psycanalyse – 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980.  
 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981.  
 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: Encore]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

- LEACH, Edmund  
1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard  
s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri  
1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- LEIBNIZ, Wilhelm  
1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- LEITE, Dante Moreira  
1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEMINSKI, Paulo  
1978 Poesia. *Código*. Salvador, nº 3, ago. 1978.
- LEROY, Maurice  
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blickstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- LETRAS & ARTES  
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, nº 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.  
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. M<sup>a</sup> Nazaré Soares. In COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2<sup>a</sup> ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.

1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. M<sup>a</sup> Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976.

LIMA, Francisco Ferreira de

1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n<sup>o</sup> 1, 1<sup>o</sup> semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapaspe: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, N<sup>o</sup> 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Vozes, 1970.

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura*: introdução às problemáticas estética e sistêmica. Petrópolis, Vozes, 1973.

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreros. Lisboa, n<sup>o</sup> 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

LOCKE, John

1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

LOPARIC, Zeljko

1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanásile], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.

LOPES, Oscar

1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986.

LOPES, Teresa Rita

1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985.

1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.

LOURENÇO, Eduardo

1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981.

1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983.

1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.

LUKÁCS, Georg

1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomina a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson Coutinho &



- Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s.d.
- LYONS, John
- 1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972.
- 1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).
- LYONS, John (organização)
- 1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix.
- MAIAKOVSKI, Wladimir
- 1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & <sup>a</sup> Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969.
- MANNHEIM, Karl
- 1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- MANNONI, Maud
- 1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983.
- MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard
- 1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M<sup>a</sup> de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975.
- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2<sup>o</sup> semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André

- 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973.
- MARX, Karl
- 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In: Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
- 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
- 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s.d.
- 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971.
- 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MCLUHAN, Marshall
- 1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensaio crítico sobre a escola neohgeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mímese. Ensaio sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980.

MAZZI, M<sup>a</sup> Luísa Fernandez

1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOISÉS, Massaud

1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)

- 1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965.
- 1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981.
- 1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- MONZANI, Luiz Roberto
- 1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
- [1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
- 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu – como se não fosse poeta *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
- 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, nº 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
- 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2ª ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres Fº, posfácio de Antônio Cândido. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Benedito

- 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.  
1972 *O significado de significado*: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Adelmo et alii  
1972 *Breve romanceiro do natal*, Salvador, Beneditina, 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, Antonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Fernando Batina de Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho, Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José de Oliveira Falcón, M<sup>a</sup> da Conceição Paranhos, Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso  
1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- PADRÃO, M<sup>a</sup> da Glória  
1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações. *Letras & Artes*, n<sup>o</sup> 11, Porto, 1<sup>o</sup> nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo  
1985 *Gregos & baianos*; ensaios. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIVA, José Rodrigues de  
1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pirata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo  
1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p. 270.
- PAZ, Otávio

- 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 201-220.
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer & Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEIRCE, Charles Sanders  
1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio  
1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto  
1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla  
1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pós-fácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádia Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.
- PESSOA, Fernando

- 1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M<sup>a</sup> Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.
- 1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caetano*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975.
- 1975b *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1975c *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976 *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1976b *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M<sup>a</sup> Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.
- 1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M<sup>a</sup> da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.
- 1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M<sup>a</sup> Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.
- PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2<sup>o</sup> semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman  
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio  
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971.  
1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo, Perspectiva, 1973.

- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PIMENTEL, Osmar:
- 1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Trabalhos apresentados e debates travados no Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Universitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
- 387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad. do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M<sup>a</sup> Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre, Globo, 1964.
- 1966 *Obras completas*; traducción del griego, preámbulos y notas por María Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966.
- POE, Edgar Allan
- 1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Milton Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.
- PORTELLA, Eduardo
- 1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974.
- 1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973.
- POUND, Ezra
- 1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- 1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes.



- São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- QUADROS, Ant3nio  
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e g4nio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- READ, Hebert  
1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- REICH, Wilhelm  
1977 *Materialismo dial3tico e psican3lise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.
- RENZI, Em3lio  
1970 Sobre a noç3o do inconsciente de L3vi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de L3vi-Strauss*. 2ª ed., Petr3polis, Vozes, 1970, p. 107-113.
- RIBEIRO, Darcy  
1970 *Os 3ndios e a civilizaç3o*; a integraç3o das populaç3es 3ndigenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilizaç3o Brasileira, 1970.  
1975 *Configuraç3es hist3rico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilizaç3o Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, Jo3o  
1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Sim3es / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969.
- RICARDO, Cassiano  
1964 *Algumas reflex3es sobre po3tica de vanguarda*. Rio de Janeiro, Jos3 Olympio, 1964.
- RICOEUR, Paul  
1970 Estrutura e hermen3utica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de L3vi-Strauss*. 2ª ed., Petr3polis,

- Voices, 1970, p. 157-191.
- 1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interprétation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques
- 1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.
- 1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou principes du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.
- RUSSEL, Bertrand
- 1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966.
- 1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- 1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de
- 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s.d.
- 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David

- 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia  
 1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.  
 1986 *Convergências*; poesia concreta e tropicalismo. São Paulo, Nobel, 1986.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de  
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985.
- SANTOS, Wendel  
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.  
 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978.  
 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward  
 1954 *A linguagem*; introdução ao estudo da fala [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954.
- SARAMAGO, José  
 1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul  
 1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982.
- SAUSSURE, Ferdinand de  
 1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- SCHILLER, Friedrich  
 1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Ästhetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.

SHAFF, Adam

- 1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, n° 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana M<sup>a</sup> Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43.
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3<sup>a</sup> ed., 1976, p. 47-79.
- 1978 *História e verdade* [Histoire et verité]; trad. M<sup>a</sup> Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

SECCHIN, Antonio Carlos

- 1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

SEIXAS, Cid

- 1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, n° 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977.
- 1977b A subjetividade como o elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 582. Belo Hozironte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 612.

- Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisto e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, vol. XXV, n° 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, n° 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31.
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, n° 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.
- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, n° 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.

- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, nº 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1982c *Fragmentos do diário de naufrágio*; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)

- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravisky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M<sup>a</sup> Alzira  
 1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 1986.
- SENA, Jorge de  
 1984 *Fernando Pessoa & C<sup>a</sup> Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa, Edições 70, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar  
 1931 *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.  
 1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Cleps pour l'estetique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- SPERBER, Dan  
 1978 *O simbolismo em geral* [Le syymbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978.
- STALIN, J.  
 1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d.

- STAROBINSKI, Jean  
 1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano  
 1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- TABUCCHI, Antonio  
 1984 *Pessoana mínima*. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- TALES DE MILETO et alii  
 1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- TELES, Gilberto Mendonça  
 1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972.
- TODOROV, Tzvetan  
 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.  
 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973.  
 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TODOROV et alii  
 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1972.  
 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977.



- TOMACHEVSKY, Boris  
 1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo  
 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101.  
 1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146.
- TABUCCHI, Antonio  
 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- TRINDADE, Liana S.  
 1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109.
- TROTSKY, Leon  
 1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.
- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman  
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen

1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.

#### VÁRIOS AUTORES

1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Gaboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.

VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de

1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Artefato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.

VICO, Giambattista

1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azenza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

VOGT, Carlos

1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).

WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen

1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.

WELLEK, René

1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d.

WELLEK, René & WARREN, Austin

1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.

1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen), trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979.



Fernando Pessoa, pintura de Lélia Parreira.

---

---

## LIVROS DO AUTOR

### POESIA

*Temporário*; poesia. Salvador, Cimape, 1970 (Coleção Autores Baianos, 3).

*Paralelo entre homem e rio: Fluviário*; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

*O signo selvagem*; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

*Fonte das pedras*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

*Fragmentos do diário de naufrágio*; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

*O espelho infiel*; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

### ENSAIO E CRÍTICA

*O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.

- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaio sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.
- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2ª ed. Salvador, Rio do Engenho, 2016.
- Da invenção à literatura. Textos de filosofia da linguagem*. Salvador, Rio do Engenho / Copenhagen, E-Book.Br, 2017.

## NO EXTERIOR

*The savage sign / O signo selvagem*; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

## E-BOOKS

*Desatino romântico e consciência crítica. Uma leitura de Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2014. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/camilo>

*O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*, 2 ed. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/torga>

*Literatura e intertextualidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/docs/intertextualidade>

*Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

*Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. 2 ed., Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/cidseixas1/docs/cabra-cega>

*Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/invencao>

*Orpheu em Pessoa*. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2015. Disponível em <https://issuu.com/e-book.br/docs/orpheu>

*Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016.

- Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>
- A *Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomoderidade>
- 1928: *Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1928>
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/anos30>
- A *essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1>
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2>
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3>
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4>
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5>
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu, E-Book. Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky>



- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixasr/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *O real em Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>
- O Eco da interdição ou o signo arisco*. Livro VI de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.eco>
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*. Livro VII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/6.poetica>
- O desatino e a lucidez da criação em Pessoa*. Livro VIII de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/8.de-satino>

*Uma utopia em Pessoa: Caeiro e o lugar de fora da cultura.*  
Livro IX de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/cidseixas/docs/9.caeiro>



- Livro I:  
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:  
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:  
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:  
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:  
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:  
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:  
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:  
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA
- Livro IX:  
UMA UTOPIA EM PESSOA:  
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

Disponibilização deste e-book:  
<https://issuu.com/cidseixas/8.desatino>  
<https://issuu.com/ebook.br/docs/8.desatino>  
[www.e-book.ufes.br](http://www.e-book.ufes.br)  
[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

# O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Desde o início do século vinte, com a obra pioneira de Freud, ou, mais precisamente, desde há quatro séculos antes da Era Cristã, especialmente com Platão e Aristóteles, sabe-se que a fantasia é uma satisfação de desejos ou uma reificação da realidade não satisfatória. Se ao fantasiar fugimos da realidade, o artista sempre retorna ao universo social, promovendo a interação das fantasias e fundindo a matéria impossível do sonho com a pedra e a cal da construção cotidiana.

<https://issuu.com/cidseixas/8.desatino>  
<https://issuu.com/ebook.br/docs/8.desatino>  
[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)  
[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

**e-book.br**  
EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL